

O ENCANTAMENTO DA PEDAGOGIA FREIREANA

THE ENCHANTMENT OF FREIREAN PEDAGOGY

EL ENCANTO DE LA PEDAGOGÍA FREIREANA

Bergson Pereira Utta ¹
Fredy Enrique González ²

Manuscrito recebido em: 14 de setembro de 2021.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2022.

Publicado em: 30 de março de 2022.

Resumo

Neste trabalho refletimos sobre as experiências de Paulo Freire, socializadas nos livros “Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis” e “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”, que evidenciam as bases constituintes do encantamento da pedagogia freireana. A história de Paulo Freire com a educação é digna de ser refletida, pois a sua práxis o levou a idealizar uma educação popular que objetivava conscientizar as pessoas, especialmente as classes sociais oprimidas e excluídas, com vistas a emancipação social, cultural e política, o que por si só já é um indício da sua crença no poder libertador da educação. A partir da leitura destas obras, usamos como metodologia para analisar as suas experiências, a pentadimensionalidade de González (2008) com foco nas cinco dimensões (metodológica, epistemológica, ontológica, axiológica e teleológica) propostas por ele. Além de Freire (2008, 2019 e 2021), estudiosos do patrono da educação brasileira como Haddad (2019) e Gadotti (2011), somam a esta reflexão. Este estudo nos mostrou que a vida e as experiências de Freire reforçam as bases constituintes de suas ideias e, a partir delas, após um tratamento crítico, deu a sua pedagogia o reconhecimento político e epistemológico, evidenciando seu encantamento.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação; Práxis; Encantamento.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Professor na Universidade Federal do Maranhão. Membro do grupo de pesquisa em Gestão e Formação de Professores na Educação Básica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1104-0732> Contato: bergsonutta@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade de Carabobo (Venezuela). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Aposentado na Universidad Pedagógica Experimental Libertado (Venezuela). Professor convidado em: Universidad de Granada (Espanha), Universidad Mayor de San Andrés (Bolívia), Universidad Autónoma de San Carlos (Guatemala), Universidade Autónoma de Santo Domingo (República Dominicana), Universidad de Cartagena (Colômbia), Universidad del Zulia, Universidad Nacional Experimental de Guayana, Universidad Fermín Toro, Universidad José Antonio Páez, Instituto Pedagógico de Barquisimeto, Instituto Pedagógico de Maturín, Universidad Nacional Experimental Rómulo Gallegos (Venezuela). Diretor-Editor da Revista Paradigma. Membro do Comitê Latino-Americano de Matemática Educativa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8079-3826> Contato: fredygonzalezdem@gmail.com

Abstract

In this paper, we reflect on the experiences of Paulo Freire, socialized in the books “Letters to Cristina: reflections on my life and my praxis” (Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis) and “Fear and daring: the teacher's daily life” (Medo e ousadia: o cotidiano do professor), which show the constituent bases of the enchantment of Freirean pedagogy. Paulo Freire's history with education is worthy of reflection, as his practice led him to idealize a popular education that aimed to make people aware, especially the oppressed and excluded social classes, with a view to social, cultural and political emancipation, what by itself is an indication of his belief in the liberating power of education. Through the reading of these books, we use the five-dimensionality of González (2008) as a methodology to analyze his experiences, focusing on the five dimensions (methodological, epistemological, ontological, axiological and teleological) proposed by him. Besides Freire (2008, 2019 and 2021), scholars of the patron of Brazilian education such as Haddad (2019) and Gadotti (2011), are used to collaborate with the reflection. This study showed us that Freire's life and experiences reinforce the constituent bases of his ideas and, based on them, after a critical treatment, he gave his pedagogy political and epistemological recognition, evidencing his enchantment.

Keywords: Paulo Freire; Education; Praxis; Enchantment.

Resumen

En este trabajo, reflexionamos sobre las experiencias de Paulo Freire, socializadas en los libros “Cartas a Cristina: reflexiones sobre mi vida y mi praxis” y “Medo e audadia: o quotidian do teacher”, que muestran las bases constitutivas del encantamiento de la pedagogía freireana. La historia de Paulo Freire con la educación es digna de reflexión, ya que su práctica lo llevó a idealizar una educación popular que pretendiera sensibilizar a las personas, especialmente a las clases sociales oprimidas y excluidas, con miras a la emancipación social, cultural y política, que en sí misma es una indicación de su creencia en el poder liberador de la educación. A partir de la lectura de estas obras, utilizamos la pentadimensionalidad de González (2008) como metodología para analizar sus experiencias, centrándonos en las cinco dimensiones (metodológica, epistemológica, ontológica, axiológica y teleológica) propuestas por él. Además de Freire (2008, 2019 y 2021), estudiosos del patrón de la educación brasileña como Haddad (2019) y Gadotti (2011), se suman a esta reflexión. Este estudio nos mostró que la vida y las experiencias de Freire refuerzan las bases constitutivas de sus ideas y, a partir de ellas, luego de un tratamiento crítico, le dio reconocimiento político y epistemológico a su pedagogía, evidenciando su encanto.

Palabras clave: Paulo Freire; Educación; Práctica; Encantamiento.

Palavras Iniciais

Este trabalho consiste em um processo de reflexão das experiências de Paulo Freire, especialmente as que foram compartilhadas por ele nos livros “*Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis*” e “*Medo e ousadia: o cotidiano do professor*”, com vistas à identificação de elementos que pudessem evidenciar o encantamento da pedagogia freireana.

Nossa escolha para a realização desta empreitada, ocorre no momento de comemoração do centenário de Paulo Freire, o qual tem seu nome como tema de muitos eventos acadêmicos pelo Brasil – (1) Seminário Internacional ano 100 com Paulo Freire; (2) Congresso Internacional Paulo Freire; (3) Jornada do Centenário Paulo Freire; (4) Colóquio Internacional Paulo Freire – apenas para citar alguns.

Todos estes eventos evidenciam a importância da educação freireana e das possibilidades de seu alcance no processo educativo. Em sua centralidade estão a educação como prática de liberdade, uma educação para o alcance de autonomia, uma educação para a conscientização e uma educação do diálogo e conflito, enfoques apontados em livros que tem exatamente esses nomes.

No entanto, nosso debruçar será apenas em ‘*Cartas a Cristina*’ e ‘*Medo e Ousadia*’, obras que, após suas leituras, levou-nos a objetivar uma reflexão mais detida, tendo verificado que Freire fez questão de ressaltar experiências que o ajudaram em sua transformação pessoal e profissional, contribuindo para a constituição de sua pedagogia.

Além destas obras, autores como Haddad (2019) e Gadotti (2011), estudiosos da pedagogia freireana, ajudaram-nos com seus estudos sobre o legado intelectual de Freire e pela educação que realizou e idealizou, com vistas à transformação de todo sujeito, tanto de maneira pessoal, como profissional, especialmente os professores, vistos por ele como àqueles que poderiam disseminar uma educação de tal maneira que propiciasse tal transformação.

A análise que nos propomos realizar, usou o enfoque pentadimensional de González (2008), que se apresenta como uma estratégia heurística eficaz e que inspira o compromisso com o desenvolvimento de um trabalho social, cultivando o refinamento cognitivo, ético e social daqueles que têm como tarefa ler minuciosamente e realizar uma leitura crítica de manuscritos.

Dessa forma, organizamos o trabalho da seguinte forma, visando o alcance dos melhores resultados com esta pesquisa: introduzimos com estas palavras iniciais; seguimos com um relato dos títulos selecionados para reflexão; apresentamos maiores esclarecimentos sobre a pentadimensionalidade de González (2008), que serviu como aporte para a nossa análise; relatamos algumas memórias de Paulo Freire registradas nas duas obras; conduzimos o enfoque pentadimensional com o objetivo de analisar o encantamento da pedagogia freireana e, por último; apresentamos nossas palavras finais.

Acreditamos que o encantamento da pedagogia de Paulo Freire teve em suas experiências, as bases constituintes de suas ideias, dando aos saberes da experiência, a validade de um conhecimento legítimo – pelas suas características essenciais em termos de construção e aprendizagem experienciada – mas que precisa de um tratamento crítico, exatamente como Freire fez, dando a sua pedagogia o reconhecimento político e epistemológico, bem como os variados elementos que a constituem e, com isso, evidenciando o encantamento de sua pedagogia.

Títulos em Reflexão

As obras que escolhemos para refletir sobre as experiências de Freire (2008, 2021) ocorreram em contextos distintos e apresentam estilos diferentes, mas ambas demarcam experiências que o constituíram como educador desde a sua juventude até a maturidade.

Em *Cartas a Cristina – reflexões sobre a minha vida*, Freire foi estimulado por sua sobrinha Cristina a falar dele, sua vida, infância, de suas idas e vindas que o levaram a tornar-se o educador que estava sendo. Até então, o que conhecia do seu tio, havia sido falado por seus pais e sua avó.

Essa troca de cartas foi iniciada nos anos 70. À época, Cristina era adolescente e tinha grande interesse sobre a vida na Suíça – lugar em que Freire estava morando naquele momento – da beleza do país, do perfil da democracia dali, da educação e dos níveis de sua civilização. Apesar da troca de cartas com Cristina ter iniciado nesta década, foi na década seguinte, no ano de 1988, quando voltou ao Brasil, que as cartas começaram a tomar corpo de um livro, obra que alcançaria tanto Cristina como milhões de leitores que se interessam por seus afetos e realizações.

Cristina escrevia muito para seu tio, e queria conhecê-lo melhor. Então, iniciando a escrevedura de suas cartas à sua sobrinha, Freire grafou sobre sua vida, sua infância, sua adolescência e, sobretudo, de sua maturidade. Sem preocupar-se com a escrita como se estivesse seguindo um roteiro, ele ia escrevendo e buscava a compreensão teórica do fato narrado, não fazendo-o como uma pura e simples descrição, mas analisando as suas próprias vivências.

A primeira publicação de *Cartas a Cristina* ocorreu em 1994, reunindo dezoito cartas dele à sua sobrinha e uma carta dela ao tio. Neste livro, são recapituladas as experiências de vida e de sua prática transformadora como educador. Mais uma vez Freire escreve um texto prazerosamente próximo ao leitor, em uma obra de memória e de análise de sua trajetória como homem e pensador no mundo.

Medo e Ousadia - o cotidiano do professor (2008), diferentemente de *Cartas a Cristina*, está na categoria de seus livros dialogados com outros educadores. Foram publicadas nove dessas obras, a saber: (1) 'Paulo Freire ao Vivo' – escrito em parceria com professores e alunos da Faculdade de Ciências e Letras de Sorocaba; (2) 'Por Uma Pedagogia da Pergunta' – com Antonio Faundez; (3) 'Essa Escola Chamada Vida' – com Frei Betto; (4) 'Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor' – com Ira Shor; (5) 'Pedagogia: Diálogo e Conflito' – com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães; (6, 7) 'Sobre Educação, Vol. I e II' – com Sergio Guimarães; (8) 'Teoria e Prática em Educação Popular' – com Adriano Nogueira, e; (9) 'Alfabetização: Leitura do Mundo, Leitura da Palavra' – com Donaldo Macedo.

Conforme Haddad (2019), apesar de Freire viver uma intensa agenda de trabalho e embates políticos, estes não foram suficientes para impedi-lo de dedicar tempo para a sua produção intelectual, incorporando a prática de publicar estes livros dialogados e entrevistas, pois ele gostava dessa forma de conhecer e aprofundar ideias, unindo histórias de vida com reflexões.

O segundo livro proposto para a nossa reflexão – *Medo e Ousadia* – foi inicialmente proposto por Shor em Amherst (cidade que faz parte do condado de Hampshire em Massachusetts nos Estados Unidos) no início (fevereiro) do ano de 1984, ocasião em que Freire fazia uma residência na Universidade de Massachusetts. Depois desse primeiro encontro, reuniram-se novamente (março) em Ann Arbor (cidade que se localiza no estado americano de Michigan, no Condado de Washtenaw), e depois em Nova Iorque (maio), para repassar a agenda das questões sobre as quais eles fariam. Dois meses depois (julho), o encontro foi em Vancouver, onde à época Freire estava ministrando um seminário sobre Educação Adulta na Universidade de British Columbia.

Foi nesta última cidade que os encontros se intensificaram, e em oito dias com sessões de aproximadamente três horas cada uma, as conversas foram gravadas. Após esses intensos encontros, as gravações foram levadas por Shor para Nova Iorque para serem transcritas. Depois disso, voltaram a se reunir em Amherst no ano seguinte (fevereiro e março) em dois finais de semana, para a edição do manuscrito e a gravação de mais algumas coisas. Finalizando com mais uma transcrição esboçada por Shor, reuniram-se por mais duas vezes (julho) do mesmo ano, em Massachusetts, a fim de terminar a edição do manuscrito.

Conforme exposto nas palavras iniciais, objetivamos refletir sobre as experiências de Paulo Freire, socializadas nos dois livros supracitados, obras que ao nosso ver, evidenciam o encantamento da pedagogia freireana, alicerçada a partir de muitas experiências vividas por Freire.

Tal reflexão terá como aporte metodológico a pentadimensionalidade de González (2008), a qual usaremos como recurso para analisar estas obras. Na sequência situaremos o enfoque pentadimensional.

O enfoque pentadimensional como recurso para a análise na pesquisa socioeducativa

O Enfoque Pentadimensional - EP (GONZÁLEZ, 2008) constitui uma ferramenta analítica que visa compreender cognitivamente a tarefa investigativa, levando em consideração suas características axiológicas, ontológicas, epistemológicas, metodológicas e teleológicas.

O autor do EP assume que nenhuma pesquisa é um ato inocente, logo, o pesquisador, configurando-se a partir de uma posição valorizada de si e de seu ambiente social, assume uma perspectiva privilegiada para a sua realização, o que vai permitir gerar conhecimento. Nesse percurso, o investigador irá mobilizar variados recursos conceituais e procedimentais, “[...] tudo isso dentro da estrutura de uma estratégia de ação orientada para a realização de certos fins” (GONZÁLEZ, op. cit, p. 45).

As cinco dimensões por ele assinaladas, tem as seguintes representações:

(1) **Epistemológica:** essa dimensão responde às **relações entre quem e o quê**, referindo-se aos vínculos do pesquisador (sujeito) com o objeto estudado, que pode estar externo a ele ou associada às suas representações, mas que se dá de maneira intencional, relacional, profunda e abrangente entre pessoas, podendo ocorrer por meio da mediação instrumental (através das respostas fornecidas em um teste, a exemplo do questionário) ou de maneira direta (olho no olho, sem mediações instrumentais, podendo ser relativo, pelo fato de usar palavras orais ou escritas, o que já se efetiva um contato).

(2) **Ontológica:** as respostas dessa dimensão relacionam-se com o que da pesquisa, referindo-se à **natureza dos fenômenos sociais e seu grau de estruturação**. Normalmente essa dimensão é expressa no problema de pesquisa e o pesquisador caminha visando interpretar os fatos, penetrando em sua malha de significados no contexto de uma situação social específica, concreta ou particular.

(3) **Axiológica:** por meio da indagação sobre o porquê da investigação é que essa dimensão se efetiva, visando questionar o **valor atribuído à atividade investigativa**, sob os argumentos de sua importância, interesse e mérito. Aqui, três planos diferentes devem ser considerados: o indivíduo (o comprometimento com seu trabalho e a projeção disso na sua vida pessoal - obrigações e deveres) o próprio profissional (adequa-se como pesquisador às tarefas conforme a necessidade, tomando novas decisões, seja no campo metodológico ou outros) e o social (se expressa por meio das ações e atitudes do sujeito, que se torna indiferente ou se rende quanto à participar na vida sociopolítica de sua comunidade).

(4) **Metodológica:** nessa dimensão, **o modo como o trabalho investigativo é conduzido**, é o que vai lhe dar sentido. Sua abrangência abarca os aspectos disciplinares, ou seja, os princípios, as regras ou normas para a sua realização e irá ajudar na compreensão da realidade investigada. Produzir conhecimento científico é um processo que precisa ser crítico, rigoroso e sistematicamente lógico, o que configura o método como uma questão de natureza intelectual que deve ser levada muito a sério.

(5) **Teleológica:** o **resultado da pesquisa** é o que justifica o trabalho do pesquisador nessa dimensão, ou seja, parte do argumento geral válido de que o achado contribui para o aumento do estoque de conhecimentos da humanidade, imbrincando com as metas ou objetivos fundamentais do pesquisador, ou ainda, as diferentes ações sociais que este coloca em jogo durante seu trabalho investigativo.

O EP ao nosso ver, vem dar uma importante contribuição a todo pesquisador, pois fornece critérios e opções metódicas apropriadas à análise de textos e discursos em pesquisa social e no campo profissional de quem está dedicado ao estudo e a interpretação de fenômenos sociais e humanos que ocorrem em contextos históricos e culturalmente mediados.

As cinco dimensões que constituem o EP, estão imbricadas e podem ser distintamente identificadas nas produções científicas. Como sabido, toda pesquisa científica requer da aplicação de um método especificado, o que de imediato faz referência à **dimensão metodológica**; quando a intenção do pesquisador fica explícita, a **dimensão teleológica** se revela; quando o ato de conhecer é praticado sobre uma dada realidade, reporta-se à **dimensão ontológica**; ao apontar que a pessoa que faz ciência é um ser humano que também faz parte da mesma realidade, é que a **dimensão epistemológica** se evidencia, isto é, pela relação entre o sujeito e seu assunto de interesse, e; o valor que se atribui à atividade investigativa, validando sua importância e respeitando quem oferece informação para realizá-la, é o que caracteriza a **dimensão axiológica** da pesquisa científica.

Diante disso, vemos o EP como uma estratégia heurística válida e instigadora de compromisso com o desenvolvimento de um trabalho social, e que vem cultivar o aperfeiçoamento cognitivo, ético, social e ecológico de todos aqueles que têm como tarefa a leitura crítica de escritos/pesquisas, como é o caso dos escritos de Freire em ‘Cartas a Cristina’ e ‘Medo e Ousadia’.

Memórias de encantamento

Foram várias memórias citadas por Freire a Cristina, no livro “*Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis*” fazendo referência às pessoas específicas que o influenciaram em sua trajetória.

Paulo Freire desenvolveu desde cedo o interesse pela linguagem, sendo influenciado pela professora Eunice Vasconcelos. Ela foi sua primeira professora profissional e o ajudou a formar sentenças, abrindo caminho para outras aprendizagens com outros(as) professores/as.

Uma delas foi Cecília Brandão, pessoa paciente e eficaz que, cooperando com o pequeno Paulo, pôde ajudá-lo a superar as lacunas de sua escolaridade. Seu interesse pelas ciências, música, gramática e os problemas do mundo, fizeram muita diferença a Freire, que faz questão de citar estas áreas de conhecimento e aprofundamento de sua professora. Para além disso, sua amorosidade, companheirismo e gentileza, o influenciaram demasiadamente, já que Cecília sempre visitava sua família, os agradava com a música tocada no piano e os amparava em momentos de aperto financeiro.

Foi exatamente Cecília que viu desde cedo potencial em Freire e quis investir nele como dissera a sua mãe, ajudando-o em seus estudos, deixando explícito não querer nenhum dinheiro por seu trabalho, pois queria mesmo era auxiliá-lo em suas aprendizagens, rever o que já sabia e ensinar-lhe coisas novas.

O próprio Freire disse que a conquista de ter chegado no Colégio Oswaldo Cruz, dificilmente aconteceria sem o apoio de Cecília. Ela ainda favoreceu seu despertar pelo interesse na linguagem, dando-lhe prazer pelo estudo da gramática.

Foi na adolescência – ainda como estudante no Colégio Oswaldo Cruz – que o professor José Pessoa – acreditando no potencial do Jovem Paulo – sugeriu ao diretor da escola à época – Aluizio Pessoa de Araújo – que ele fosse aproveitado como professor de português. Sua confiança em Freire era tão grande, que disponibilizava sua biblioteca a ele e o apresentava a outros famosos professores da época – José Lourenço de Lima e José Brasileiro – com quem aprendera muito.

Ao citar o professor Moacir de Albuquerque, Freire reporta-se ao seu brilhantismo e paixão por seu trabalho, evidenciando ser alguém entusiasmado pelo ato de ensinar, o que lhe chamava muito atenção, sendo uma referência para o desenvolvimento de seu gosto pela estética e boniteza da linguagem. Assíduo leitor de grandes escritores clássicos como Gilberto Freyre, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Carlos Drummond, Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, fazia referência a eles quando tomavam uma refeição juntos em sua casa, tendo destacado que estes autores contribuíram para que ele (Freire) pudesse desossar a língua portuguesa.

Outro personagem que promoveu a constituição da personalidade de Freire, foi Odilon Ribeiro Coutinho, citando-o como seu amigo pessoal. Era uma pessoa muito culta, assíduo leitor e conhecedor de variados assuntos que, como disse Freire, escrevia e conversava com poucos. Parecia ser uma pessoa por quem Paulo Freire tinha muito apreço e gostava de estar junto.

Para além da literatura, da escola, da educação formalizada, Freire também tinha amizades com pessoas de outros âmbitos, como foi o caso de um comerciante em Jaboatão – Ubaldino Figueroa. Com ele, costumava pescar, caçar, jogar bola e nadar. Sobre esta última atividade, fez referência a um rio (Duas Unas) na cidade de Jaboatão, que media 200m de reta, cheio de ingazeiros e arbustos verdes e redondos em suas margens, o que evidencia a admiração de Freire pela natureza. Aquele lugar era ponto de atração para crianças e adultos, e era ali que ele costumava nadar com seu amigo – o nado livre e o popular, sem estilo nem regras. Era chegado a novas amizades, e ali mesmo nas margens daquele rio, contavam histórias de assombração, davam gargalhadas zombeteiras até altas horas da noite, envoltos dos rangidos dos carros de boi que povoavam a escuridão da noite.

Outra memória de Freire é a de um jovem (nomeado por ele e seus amigos – Dino e Temístocles – de Entre Rios) que, em dada ocasião aproximou-se deles e incorporou-se a conversa. Ali trouxe suas lembranças da escola, especialmente de seu professor – seu Armada – e de suas proezas, visto por Freire como um feitor mais do que um professor, devido ao seu autoritarismo e seus métodos violentos, conforme narrado pelo juvenzinho. Refletindo o momento, Freire acreditava que o diálogo com Entre Rios serviu para ele expor seu medo, como que se preparando para enfrentar o dia seguinte em que veria novamente seu professor.

Colocando-se no lugar do menino, Freire e seus amigos foram ao lugar onde o juvenzinho morava para conhecer seu Armada. Ali eles se depararam com uma cena em que seu Armada, imponente e temido por todos – usado por pais e moradores do lugar como símbolo de terror, de punição, de sofrimento – corria atrás de um garoto que fugia da escola. Durante a perseguição o professor levou um tombo, tendo machucado seu joelho. Aquela cena evidenciou a vulnerabilidade do corpulento professor que, a partir daquele episódio, passou a ser azucrinado pelos garotos, fazendo Freire acreditar que isso pode ter levado seu Armada a amenizar a sua aspereza em suas aulas.

Alguns anos mais tarde, ainda com a lembrança do seu Armada, Freire visitava escolas na cidade do Recife nas áreas populares para conversar com professores e professoras e evidenciou o autoritarismo que ali imperava, inclusive com uso da palmatória como aparato para impor medo e a ordem almejadas. Toda essa tradição autoritária, recheada da memória escravocrata, ainda defendida e praticada por muitos – seu Armada e outros professores/as que Freire conheceu – o fizeram acreditar e defender uma educação que se sustentasse em uma prática democrática em que nem a autoridade se exacerbe e afogue a liberdade, nem esta, hipertrofiada, anule a autoridade, mas em que, limitando a liberdade, a autoridade igualmente se limite.

Outras vivências de Freire estão registradas em *“Medo e ousadia: o cotidiano do professor”* (2008), as quais o motivaram ainda mais e serviram como um suplemento para o encantamento da pedagogia freireana.

Como assíduo leitor, Freire se diz ter sido salvo pela leitura de importantes autores – José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Gilberto Freyre – ajudando-o a preocupar-se, assim como eles, mas com o momento estético do que em seguir a gramática, recriando-o como jovem professor de gramática, devido à criatividade estética de sua linguagem. Isso foi tão forte para ele, que mudou seu ensino, especialmente da sintaxe. Aprendera desde cedo, que a criatividade precisava de liberdade, fazendo-o mudar a sua pedagogia para uma educação criativa, entendendo o quanto esta se relacionava com a criatividade na política, pois ao seu ver, uma pedagogia autoritária, em nada possibilitava o alcance da liberdade, tão necessária à criatividade, já que a criatividade é indispensável para se aprender.

Tudo isso foi muito representativo para ele, mas muitas de suas aprendizagens se deram no ato de ensinar, tornando-se uma vocação. Foi ensinando que ele descobriu que era capaz de ensinar e que gostava muito disso, fazendo-o sonhar cada vez mais em ser um professor. Freire aprendeu como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito. Diante de seu ofício de professor, o encantado professor Paulo Freire desafiava seus alunos, provando-lhes que podiam aprender, e isso os fazia sentir-se cada vez mais livres. Isso o ajudou a entender e a motivar-se a ouvi-los cada vez mais e mesclar formas didáticas tradicionais e críticas. Também foi se convencendo de que deveria dialogar com os estudantes, o que sempre fazia em seus encontros de ensino, provocando-os criticamente a respeito do que lhes dizia.

Como um eterno aprendiz, tirava lições dos muitos momentos de sua vida. Por exemplo, da amizade com garotos da classe operária, ele aprendeu a diferenciar as classes, observando como falavam, se vestiam, sobre seu estilo de vida e, com base nisso, refletia o quanto isso expressava a totalidade do distanciamento entre as classes na sociedade. Aprendeu também o que era classe social, através de sua própria experiência com as dificuldades da vida, devido aos apertos financeiros de sua família. Passou a compreender que alguém que sente fome tem dificuldade de se concentrar, de ler, de entender as coisas faladas em sala de aula e que isso não tinha nada que ver com burrice nem falta de interesse, salientando-lhe a relação entre classe social e conhecimento.

Vivências afetivo-amorosas também constituíram o Freire encantado pela educação, especialmente quando conheceu, casou-se e passou a viver com Elza. O amor deles nasce exatamente da aproximação pela educação. A relação amorosa, política e pedagógica que eles construíram, somada com a relação e educação dos filhos, fizeram com que Paulo Freire reconhecesse a importância e a influência que Elza teve na edificação de sua pedagogia.

Amadurecendo ainda mais a pedagogia freireana, sua relação com os trabalhadores e camponeses o levaram à uma compreensão mais radical da educação, tendo sido um momento valioso para ele entender que deveria ser humilde em relação a sua sabedoria. Suas trocas com seus pares, o ensinaram, sem nada dizer, que ele nunca deveria dicotomizar o conhecimento menos rigoroso do muito mais rigoroso, nem que sua linguagem era inferior à dele. A sintaxe que estes exprimiam era tão bela quanto a sua, sendo exposta muito mais por seu testemunho do que por suas relações com as normas e regras da gramática.

Os trabalhadores com quem Freire convivia, por causa de sua relação profissional com eles, já que lhes ensinava, destaca que muito aprendia deles, mesmo ensinando em silêncio, por sua condição. Nos encontros de aprendizagem, estes não atuavam como professores, mas reforçavam em Freire, enquanto seu professor, a necessidade de estar completamente aberto, assumindo a ação de sujeito também a ser ensinado, aprendendo pela experiência com eles, numa relação educacional que é, em si mesma, informal.

Outra lição aprendida por Freire, foi com o Golpe de Estado de 1964. Entendera a duras penas, que a educação poderia ser o instrumento de transformação da sociedade, tornando-o ainda mais consciente dos limites da educação na transformação política da sociedade. Acreditava que, por meio dela – a educação – é possível compreender o que é o poder na sociedade, iluminando as relações de poder que a classe dominante torna obscuras.

Por fim, uma última vivência a salientar de Freire que o ensinara muito, foi o que aconteceu quando estava lecionando na Universidade de Genebra. A frente de um seminário, um dos alunos o criticou, dizendo:

Olhe, Paulo, você cometeu um só erro, ao trabalhar conosco, mas é um erro muito sério. Quando você chegou aqui no começo do semestre, pensou que estávamos prontos para assumir a responsabilidade de nos modelar junto com você, mas você não tinha nenhum direito de pensar assim. Você supôs uma coisa que não estava comprovada. [...] Você se suicidou, como professor. Em vez disso, deveria ter se exposto ao nosso assassinato. Como único professor no seminário, nós teríamos que matá-lo, para que você renascesse como um aluno que também é um professor. Em vez disso, você cometeu suicídio na nossa presença e isso criou, em nós, a sensação de estarmos órfãos. (FREIRE, SHOR, 2008, p. 60)

Esse contexto fez Freire reconhecer seu erro imediatamente, e disse-lhe que não tinha o direito de cometê-lo. Admitiu diante de seus alunos que o objetivo democrático da educação libertadora, é o reconhecimento do próprio educador que, como alguém responsável, tem de ser um professor – aquele que lidera como professor e aprende como aluno, cria um clima aberto em muitos sentidos – mas nunca um clima de *laissez-faire*, *laissez-aller*, mas sim um clima democrático, o que pode ajudar os discentes a aprender de forma diferente e, com isso, descobrir desde cedo a importante lição da aprender participando, já que ao seu ver, é impossível ensinar participação sem participação, sem experimentá-la, vista por ele como um ato democrático, já que não pode aprendê-la sem fazê-la, mas com limites. Este episódio em especial, denota a importância de todo educador reconhecer suas fragilidades, refletir sobre elas e buscar em sua prática pedagógica, evidenciar o real interesse com seus alunos e diligenciar outras práticas que impactem positivamente na formação deles.

Todas as vivências que aqui foram relatadas, são em si mesmas, evidências de como Freire apropriou-se destas e o quanto o ajudaram em sua transformação pessoal e profissional, o que acreditamos são a base do encantamento de sua pedagogia.

O enfoque pentadimensional para análise sobre o encantamento da pedagogia freireana

Após a leitura das obras de Freire citadas neste trabalho – levando-nos a exposição de algumas de suas experiências/vivências, cumpre agora sob o enfoque pentadimensional, desenvolver a leitura crítica destes escritos.

Sabemos que a produção de conhecimento científico é uma atividade que exige rigor, sendo necessário que sejam empregados princípios e/ou normas para a sua realização, os quais ajudarão na compreensão da realidade investigada. Para tanto, a rigorosidade e a criticidade vêm evidenciar-se como atitudes valiosas neste processo, aspecto de natureza intelectual que precisa ser levada muito a sério. É exatamente neste sentido que esta pesquisa já se inicia evidenciando a seriedade do que nos propomos a fazer, enquadrando-se sob a **dimensão metodológica** da pentadimensionalidade.

Apesar das obras não revelarem explicitamente uma metodologia, o rigor dos escritos de Freire denotam um compromisso pessoal com a transformação dele mesmo e de seus leitores, já que se sentia politicamente comprometido, porque gostava de convencê-los sem mentiras, de que seu sonho ou os sonhos dos quais falava, valiam a pena ser tentados. Sua escrita se mostra responsável, pois podemos constatar uma pureza que recusa a hipocrisia puritana e, o seu caso, é de alguém que mais do que fala, fez/fazia o que dizia.

O que nos propomos a fazer neste trabalho, tem relação direta com os pesquisadores, admiradores e estudiosos da pedagogia freireana que, pela leitura de suas obras, viram a possibilidade de refletir sobre algumas de suas experiências, já que as mesmas reforçam o fazer docente sob uma perspectiva mobilizante, concordante com a percepção do encantamento da pedagogia freireana, exatamente como aponta a **dimensão epistemológica** da pentadimensionalidade. O que chamamos de encantamento

tem haver com a esperança da transformação pela educação, a satisfação em realizar a docência e o pensar constante sobre este fazer com vistas às mudanças que tragam benesses tanto a quem a exerce, quanto a quem está sob seu exercício, e que vai na contramão dos aspectos sobre o desencanto escritos por Gentili e Alencar (2001), como a tristeza e a desilusão.

A pedagogia que manifestamos em nossa prática enquanto docentes, caminha paralelamente com a pedagogia freireana, evidenciando-se em nossas representações de maneira intencional e profunda. Nosso quefazer pedagógico se faz e refaz diante das interações e trocas de experiências com os pares, exatamente como aconteceu com Freire e o inspirou a desenvolver e escrever sobre sua pedagogia.

A **dimensão ontológica** da pentadimensionalidade nos levou a refletir sobre as experiências de Paulo Freire, socializadas nos dois livros, pois estas evidenciaram que a natureza do encantamento de sua práxis se deu por um conjunto de fatores, expressos nestas obras e socializadas acima: leitura de clássicos, relações pessoais e profissionais com outros educadores, relações pessoais com outras pessoas em situações do dia a dia, relações afetivo-emocionais como as vividas com sua esposa Elza e seus filhos e as trocas ocorridas com seus alunos em contextos de ensino.

Freire, além de socializar algumas de suas experiências pessoais, buscava aprender com elas e tirar lições que o tornassem melhor como pessoa e profissional. Ele inclusive sustentava que a história é “tempo de possibilidade”, inclusive de “possibilidade coletiva”, significando que qualquer mudança compete a nós de maneira individual, mas também coletiva. Sob a dimensão individual/profissional de cada sujeito, seu exemplo acentua o valor de estarmos na busca constante de “ser mais” e, sob a dimensão coletiva, buscamos todo e qualquer espaço de luta que possibilite uma educação de qualidade e a valorização do educador.

Uma constatação dessa reflexão que aqui fizemos, foi de que Paulo Freire não envolvia as pessoas emocionalmente unicamente por meio de suas tão encantadoras falas, mas também por meio do que escreveu e, mais ainda, por meio de suas experiências. Acerca disso, conforme explicitado por Gadotti (2011, p. 39 – grifo nosso), as mensagens que chegaram logo após a sua morte, revelaram

[...] o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar continuidade ao seu legado, [e ao compromisso] com os oprimidos de todo o mundo.

O ano de 2021 é o ano de comemoração do centenário do educador popular, filósofo e professor Paulo Freire. Sabemos que suas obras dialogam clara e abertamente com a problemática da educação, particularmente com as questões da prática docente à frente das fragilidades deste tempo. Dialogar, pensar, investigar e escrever sobre Freire e seus achados neste ano, acabou sendo um compromisso dos educadores brasileiros, que foram convidados a participar de congressos, seminários e conferências, ouvindo ou falando dele por meio de escrita científica.

É incontroverso neste tempo de comemoração de seu centenário, não lê-lo, estudá-lo e conversar sobre ele e seus achados, o que também serviu para nós como recorte de outras pesquisas em andamento, evidenciando, em nosso caso, a **dimensão axiológica** da pentadimensionalidade. Além de robustecer nossas outras pesquisas, acreditamos que o ideário freireano, como já revelado aqui, por si só, por tudo o que representa para a educação e os professores no Brail e no mundo, reforçam importância e mérito de nossa proposta.

Diante disso, acreditamos que nossas inferências sobre as experiências de Freire, representam possibilidades de mudanças para nós e para outros, já que ele buscou colher lições valiosas de suas próprias vivências e usava isso para melhorar suas relações com os demais, especialmente com os sujeitos ensinantes. Deu valor ao sujeito político, o que também acreditamos ser fundamental, especialmente aos educadores, pois como agentes conscientes de seu tempo, sua história, de sua identidade e de sua ação como ser humano, lutam contra as injustiças e se indignam diante da barbárie. Parte de seu legado, incubem-nos da tarefa de desenvolver uma pedagogia da rebeldia, que liberta e contribui para o desenvolvimento de relações sociais e humanas mais fraternas e solidárias.

Finalmente, sob a **dimensão teleológica**, queremos reforçar este estudo e o legado de seu pensamento aos educadores. Em pedagogia do Oprimido, Freire (2019, p. 67) disse que a práxis, "[...] implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo". Aqui evidenciamos um aspecto inestimável, mas não exclusivo, que torna

a pedagogia freireana tão encantadora – ação-reflexão-ação. No entanto, essa compreensão não se constituiu da noite para o dia, foram anos de experimentações, conversas, escritas, reescritas, olhares atentos e humildade que fizeram deste homem, o terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo e o brasileiro mais homenageado em todos os tempos – com 35 títulos de Doutor Honoris Causa por universidades da Europa e da América, e centenas de outras menções e prêmios como o da Educação pela Paz, da UNESCO.

Como apologista de uma educação para a consciência, tal postura também fortalece o encantamento da pedagogia freireana. Entre suas atitudes ensinantes, buscava conscientizar os alunos, especialmente às parcelas desfavorecidas da sociedade, com vistas a compreender sua situação de oprimidos e impeli-los a agir em favor da própria libertação. Para tanto, era necessário desenvolver a criticidade dos alunos, aspecto que foi evidenciado em uma das experiências aqui citadas.

Palavras finais

Refletir sobre as experiências de Paulo Freire registradas nos livros ‘*Cartas a Cristina*’ e ‘*Medo e ousadia*’, evidenciou-se uma atitude auspiciosa, na medida em que nos permitiu transitar por suas vivências que sinalizam para o encantamento de sua pedagogia.

O ano é de comemoração do seu centenário, momento para lembrarmos de sua vida, sua história, seus prêmios, seus escritos, suas palestras e seus feitos com vistas a transformação da sociedade por meio da educação, e que para ele, segundo Zitkoski (2006, 28), “[...] deve ser trabalhada intencionalmente para humanizar o mundo por meio de uma formação cultural e da práxis transformadora de todos os cidadãos sujeitos da sua história [...]”.

Para Freire, a educação é um ato de amor e, como consequência, um ato de coragem que, em seu processo, compreende uma relação interativa entre pessoas, os quais, por meio dela, podem ler e transformar realidades – a relação sujeito-mundo.

O encantamento da pedagogia freireana, tem em sua essência, a permissividade da reciprocidade entre as pessoas, bem como a produção e a conquista da criticidade sob a

realidade por parte dos sujeitos, sejam educadores ou educandos. Nesse processo, a dialeticidade define e diferencia sua pedagogia, pois tal atitude pode derrogar a dependência e criar um espírito independente e livre.

As vivências de Freire analisadas neste trabalho, nos ensinaram que a sua pedagogia precisou de tempo para amadurecer. No atual contexto, esses achados e contribuições devem nos motivar a também querer experienciar situações diversas e diferenciadas e, mais do que apenas vivê-las, pensar sobre elas, refletir nelas, em um movimento de ação-reflexão-ação, conduta propícia a todo educador que assume o compromisso ético-político-pedagógico de educar, pensando cuidadosamente nos sujeitos de suas interações (seus pares e estudantes).

Referências

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã 2)

GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GONZÁLEZ, F. E. Apuntes para una crítica pentadimensional de la investigación socioeducativa. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 32, n. 18, p. 40-78, maio/ago. 2008.

HADDAD, S. **O Educador**: um perfil de Paulo freire. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.